

# A DINÂMICA DA PESQUISA COMO PROCESSOS E INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS... *REFLEXÕES*

---

Pedro Russi Duarte\*

**Resumo:** A proposta neste texto é *uma* discussão de abordagem teórico-analítica entendendo os processos da pesquisa como sendo comunicacionais. Os interstícios, entre pesquisador-objeto-pesquisa, redesenham e são re-desenhados pelo *ethos* da ação investigativa (lugar do pesquisador, emoções, desejos, devir, inter-transdisciplinar) que neles se estabelece. Portanto, a questão-eixo do texto diz respeito a entender as incertezas, o inesperado, a improvisação como dinâmicas inerentes à pesquisa por serem instância(s) comunicacional(is) que configura(m) arquiteturas de tensão gerando explosões mais do que definições e determinações de cientificidade, apontando, ao final, para um outro fio de reflexão na dinâmica sujeito-pesquisa, o do *estigma* como pesquisador.

---

**Palavras-chave:** comunicação; epistemologia; pesquisa-pesquisador.

**Abstract:** This paper proposes a discussion of analytical-theoretical approach which sees research processes as communicational processes. Interstices, among researcher-object-research, redesign and are redesigned by the *ethos* of the investigative action (researcher's place, emotions, desires, transformations, interdisciplinary and transdisciplinary factors) that is established on them. Therefore, the major question of the text is related

---

\* Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos-RS. Licenciado em Ciências da Educação pela Ucdal (Uruguai). Ator-Diretor de Teatro. Professor-Titular no curso de Comunicação Social e Coordenador do Núcleo de Estudos em Comunicação (Necom), no Instituto Bom Jesus/Ielusc-SC. Integrante do grupo de pesquisa Mídia e Multiculturalismo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/Unisinos-RS, coordenado pela Profa. Dra. Denise Cogo. *E-mail:* pedrorussi@gmail.com

to the understanding of uncertainties, of the unexpected, of improvisation as inherent dynamics of research since it is one of the communicational instances that configures architectures of tension, generating explosions more than scientific definitions and determinations, and eventually pointing to another point for reflecting about the subject-research dynamics, the researcher's *stigma*.

---

Key words: **communication; epistemology; research-researcher.**

*Se você estiver em busca de alguma coisa, não vá sentar-se na praia à espera de que ela venha encontrá-lo. Você tem de procurá-la com toda a sua obstinação.*

Stanislavski.

O texto que segue surge de diferentes e caleidoscópicas instâncias de reflexão não- definidas-estabelecidas e sim entretecidas.<sup>1</sup> Ele “se faz”, nas mãos que tecem o telar das navegações teórico-empíricas, para provocar algumas discussões que permitam entender a pesquisa como dinâmica comunicacional sendo atravessada por diferentes vetores – memórias-resíduos do pesquisador, do objeto de estudo, dos cenários. Estou propondo observar tais dinâmicas do interior da pesquisa (leia-se *interstício* pesquisa-pesquisador), entender as incertezas e o inesperado como propriedades da mesma, compreendendo que as nossas emoções, inquietudes e desejos fazem parte das descobertas porque nelas sustentamos as perguntas que perguntamos ao fazer ciência.<sup>2</sup>

Sabendo que a pesquisa se faz nesse micro de *intermezzo* de flutuações não pre-determinadas, posso entender as interações configuradoras do *ethos* (no grego antigo) como espaço aberto de realização-ação humana; “no vocábulo *ethos* e nos modos diferentes como era escrito em grego ressoa o sentido de habitar, com toda a extensão e conexão dessa idéia. [...]. Costumes, hábitos, regras, valores são os materiais que explicitam a vigência de *ethos*”.<sup>3</sup> Portanto, ações e agires de um indivíduo ou grupo afirmando o caráter no *ethos*, o modo como esses indivíduos agem e produzem. Transformando (redesenhando), por meio dessas ações, tanto o sujeito quanto o objeto, o *ethos* como dinâmica da pesquisa que está relacionado e sendo a historicidade do sujeito como unidade de ação-cultura.

---

<sup>1</sup> Nas instâncias de estudante, professor (metodologia de pesquisa, teoria da comunicação, semiótica), nas pesquisas da dissertação e da tese, discussões e leituras nos grupos de estudo-pesquisa, assim como nas ações do ato de observação e escuta cotidiana.

<sup>2</sup> MATURANA, H. *La realidad: objetiva o construída?*: fundamentos biológicos de la realidad. México: Universidad Iberoamericana / Anthropos, 1996.

<sup>3</sup> SODRÉ, Muniz. Mídia (tevé) e hegemonia. *Democracia Viva*, Rio de Janeiro: Moderna/Ibase, n. 4, p. 28, nov. 1998.

Cabe reforçar que o *ethos* da ação investigativa não é dado ou recebido através de alguma ação *divina*, muito pelo contrário, ela é *palimpsesticamente* desenhada pelas múltiplas pinceladas das interações entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, observando que ambos os cenários (sujeito-objeto) também percorrem outros *ethos*.

## FIOS DAS TECELAGENS... O LUGAR DO PESQUISADOR

Qual seria o lugar das surpresas ao começar o caminho da pesquisa? E, aquelas matrizes profundas, de que forma(s) iriam voltar à superfície? Quais seriam minhas atitudes, cientes ou não, diante das respostas do *outro*? Como lidar com tudo isso, que interatua na minha história-historicidade?... Eis algumas das perguntas que atravessam a interação tema-problema-pesquisa-pesquisador. Por isso, não resta dúvida, é correto dizer que ao construir o objeto da pesquisa não posso ignorar o meu lugar (e o dos outros) de fala e de vivência; a minha historicidade assim como a do próprio objeto de pesquisa construído. Ao dizer de Roberto da Matta,<sup>4</sup> exigir-se-iam articulações para transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico; porém, o desafio também está no entrecruzamento de linhas e *nodos* de um tecido que se faz com fios de *co-nhecido-estranho-conhecido*, tendo como pano de fundo a inquietação de descobrir, como tornar estranho o conhecido. Quais movimentos epistemológicos-e-das-paixões serão exigidos, tensionados pela/na pesquisa?

Pretendo então, levando o sentido para o teatro, trabalhar na dinâmica do *obsceno*; *colocar em cena*, *pôr em cena*, tornar visível aquilo que está nos bastidores e que não deve ser encenado-e-visto. Meu lugar está composto entre *scena-obscena* do pesquisador-estranho; como Onetti escrevera: “Nosotros, me incluyo, somos nosotros. Somos ajenos, somos visitantes que ven y graban sus misérias. Y, a veces, las escriben y publican. De ahí un leve pero inevitable muro de mudez ante el extranjero, un muro ergido con afecto y dudoso cariño.”<sup>5</sup>

Ao pensar no cenário no qual me encontro inserido, lembro de Bachelard<sup>6</sup> que fala da articulação – tensão – entre o espírito velho (os conceitos anteriores) e o novo (eu agora na pesquisa). Processo através do qual irei tensionar os (pré)conceitos da vivência-experiência, imaginados e simbólicos. Tal movimento permitirá

<sup>4</sup> MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

<sup>5</sup> ONETTI, J. Carlos. Reflexiones de un reexiliado. In: \_\_\_\_\_. *Confesiones de un lector*. Madrid: Alfaguara, 1995. p. 140.

<sup>6</sup> BACHELARD, Gastón. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 18.

tornar estranho o familiar – *obsceno* tornar-se *cena*, e vice-versa. Fatos que demandam um *ser* pesquisador que entendo com *flâneur* – caleidoscópio.

O flâneur desenvolve, portanto, sua sensibilidade estética nas oscilações entre envolvimento e distanciamento, em imersão emocional e descontrole, e momentos de registro e análise cuidadosos da “colheita aleatória” de impressões das ruas. Não se trata de um dom natural ou de uma habilidade herdada, mas de algo que compreende uma pedagogia. O flâneur mostra a reflexividade característica do especialista cultural, artista, escritor, jornalista, intelectual, cientista social ou detetive.<sup>7</sup>

O olhar-ato do *flâneur* é ver-sentir com novos olhos, o nativo que se torna estranho.<sup>8</sup> Poder-se-ia entender através de uma “hermenêutica do olhar” pela (inter)ação de tornar o familiar estranho. Mais do que ouvido atento e mãos hábeis para capturar-orquestrar as vozes dos outros, é necessária uma disposição (política, histórica) para ir adiante das concepções homogêneas e naturalizadas, explorando a *differánc*<sup>9</sup> das matrizes culturais, nos espaços comuns, compartilhados, inter-relacionados.<sup>10</sup> Sei que essa *differánc* não é simples de perceber (daí a “hermenêutica”), e dista do genótipo/fenótipo. Parafraseando Bhabha, o desafio está no caótico de nós-enquanto-outros, outros-enquanto-nós. O senhor Palomar, perguntara:

[...] como é possível observar alguma coisa deixando à parte o eu? De quem são os olhos que olham? Em geral se pensa que o eu é algo que nos está saliente dos olhos como o balcão de uma janela e contempla o mundo que se estende em toda a sua vastidão diante dele. [...] Do lado de lá está o mundo; mas e do lado de cá? Também o mundo: que outra coisa queríamos que fosse? [...] Então, fora da janela, que resta? Também lá está o mundo, que para tanto se duplicou em mundo que observa e mundo que é observado. E ele, também chamado “eu”, [...] Não será também ela uma parte do mundo que está olhando a outra parte do mundo? Ou antes, dado que há um mundo do lado de cá e um mundo do lado de lá da janela, talvez o eu não seja mais que a própria janela através da qual o mundo contempla o mundo. Para contemplar-se a si mesmo o mundo tem necessidade dos olhos (e dos óculos).<sup>11</sup>

Após ter começado a andar nas trilhas de algumas leituras, deparei-me com aquilo que Gramsci escreveu e que, posteriormente, Martín-Barbero recupera em uma espécie de autobiografia, “só pesquisamos a verdade que nos afeta” – mais

<sup>7</sup> FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p. 192.

<sup>8</sup> SHIELDS apud FEATHERSTONE, 2000, p. 193.

<sup>9</sup> DERRIDA, Jacques. *La différance*. Conferência pronunciada em la Sociedad Francesa de Filosofía, el 27/01/1968. 19 p. Disponível em: [http://personales.ciudad.com.ar/Derrida/la\\_différance.htm](http://personales.ciudad.com.ar/Derrida/la_différance.htm). Acesso em: 26 jul. 2005.

<sup>10</sup> GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p. 43.

<sup>11</sup> CALVINO, Italo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 102.

ainda ao lembrar que afetar vem de *afeto*.<sup>12</sup> Essas palavras não foram esquecidas nem caíram vazias. Porque aqui estou, *eu*, entrando no palco e cena da pesquisa que me pesquisa, do pesquisador que me observo ao observar, que me estudo ao estudar, me vivencio nas vivências do outro. E, nessa atividade, manifestam-se *pertenças* e *pertencimentos* de/a coisas que consigo reconhecer, mas não remover.

## FIOS E DEVIRES... COM ARIADNE NO LABIRINTO

Comecei a perceber com mais clareza – talvez por aquilo que Calvino<sup>13</sup> menciona na voz de Marco Polo, começo a perceber meus espaços e histórias quando me afasto –, o que me acompanhou durante minha estada *lá* – no espaço do objeto quando o pesquiso. Uma sensação configurada de estranheza e familiaridade que, paradoxalmente, no deslocamento de um lugar para outro (pesquisador-pesquisa), me *re-localizavam* nalgum espaço que, em palavras de Bhabha, poderia ser entendido como a vivência de estar no *entre-lugar*, *entre-meio*, *entre-tempo*.<sup>14</sup> Paradoxo que se torna mais intenso na voz de Palomar,<sup>15</sup> entendendo que não é possível observar alguma coisa deixando à parte o *eu*, procurando que daquela superfície muda parta um sinal, “um piscar”, que, a destaque das outras, aspira significar – tensão – alguma coisa.

Aliás, ao localizar-me como interação – *entre-lugar* –, ou melhor, como *acontecimento*,<sup>16</sup> me aproximo ao sentido atribuído por Heráclito,<sup>17</sup> de que “tudo flui” porque tudo está em movimento, nada é eterno nem estático – daí que “não posso descer duas vezes pelo mesmo rio”, nem o rio nem eu somos os mesmos. E, nesses processos dinâmicos de interação, observo tensões e contradições que a(s) experiência(s) suscita(m) tanto para um *eu*-pesquisador quanto para um *outro*-o pesquisado – *devires* de um *eu-nós*.

Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um

.....  
<sup>12</sup> MARTÍN-BARBERO, J. Autobiografia. In: MARQUES, J. Melo de; ROCHA, P. Dias da (Org.). *Comunicação, cultura, mediações*. o percurso de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Unesp/Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

<sup>13</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

<sup>14</sup> [*in-between, time-lag*] BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.10.

<sup>15</sup> CALVINO. *Palomar*, p. 101-103.

<sup>16</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p.151.

<sup>17</sup> Filósofo de Éfeso (Ásia Menor), 540-480 a.C.

decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Poder-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significativa (mimese, mimetismo, fingimento, etc.). [...] não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumento de valência, verdadeiro *devir*, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes *devires* assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do Outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significante.<sup>18</sup>

Portanto, as experiências que vivencio encontram-se como *nodo* que reúne e explode as inter-relações estabelecidas – sempre – pelo constante e dinâmico jogo de conflitos. As dinâmicas mencionadas, ao iniciar o texto, surgem da compreensão da comunicação como processo de trocas simbólicas fundamentadas na sociabilidade, como dimensão que constitui culturas, e não se reduz aos fenômenos tecnológicos.<sup>19</sup> Processos de comunicação não simplesmente projetados como forma de construir e sim de imaginar as identidades (ser pesquisador), uma forma de *ser*. Interação que *me* relaciona com um *outro* (“espelho”) de um *eu*, *re*-formando e *re*-desenhando esse imaginar e imaginar-me.

Pensar na dinâmica comunicacional (a percepção dos outros), que ainda não está no campo da representação, “consiste em um duplo movimento, das coisas até o espírito, mas também do espírito até as coisas e, por isso, os conteúdos *percebidos* têm sempre um ingrediente subjetivo que nos impede de alcançar qualquer certeza sobre a realidade”.<sup>20</sup> Esse primeiro movimento permite entender o segundo, o da *representação*, como conseqüência das mediações entre sujeitos e objetos, formando um mundo algo diferente a ele mesmo (da outra forma o mundo seria o próprio mundo); descentrando-o da existência condicionada pela genética.<sup>21</sup>

Posso falar que mediações envolvem o processo para que a representação esteja-seja (inter)atuada com o representado. Há produção através da interação e o sujeito se dinamiza como agente (ativo) onde ele mesmo é também objeto das suas representações. A pesquisa é dinâmica entre o *micro* de cada vivência – entendida

.....  
<sup>18</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p.11-38, grifo nosso.

<sup>19</sup> QUÉRÉ apud RÜDIGER, 1998, p. 99.

<sup>20</sup> PROTÁGORAS apud PERRUSI. *Imagens da loucura: representação social da doença mental na psiquiatria*. São Paulo: Cortez; Recife: Ufpe, 1995. p. 17, grifo nosso.

<sup>21</sup> PERRUSI, op. cit., p. 20.

como *potencial* para a pesquisa – como configurador do *macro* que acabam *re*-desenhados no *meso*. Busco compreendê-la como instância *micro-meso-macro*-comunicacionais que *re*-significa as relações estabelecidas nos próprios cenários da investigação. Tal entrecruzamento revela-se como espaço no qual as identidades (sujeito-objeto) (re)configuram-se nesse *micro-meso-macro re*-elaborando as interações comunicacionais.

Através disso, posso especificar que a pesquisa é *traduzir* metaforicamente (ação de transferir de uma ordem a outra) a complexidade dos entrecruzamentos-e-interações da própria experiência pesquisada. Assim, localizar a pesquisa como ato e lugar de *aprender* (tomar conhecimento) o concreto que quero *aprender* (“apropriar-me”). Poder-se-ia dizer que se trata de uma metalinguagem porque o processo comunicacional se dá em processo no processo da pesquisa.

## NA TECELAGEM “FINAL”... DOS FIOS COMUNICACIONAIS E METODOLÓGICOS

Nas pesquisas, queira-se ou não, ancoram-se a articulação-cruzamento-atrassamento dos mais diferentes campos, disciplinas e teorias, relacionando-se ao concreto no qual se encontra o pesquisador. Opera-se uma concepção inter/trans/disciplinar (teorias sociais, econômicas, históricas, literatura, comunicação, dramaturgia, psicológico, emocional, etc.). O *inter* seria o reconhecimento das fronteiras disciplinares enquanto o *trans* implica ultrapassagem das fronteiras, assim como o fluxo entre o texto e o contexto.

Porém, o processo tem que ser também em uma perspectiva transmetodológica, como destaca Maldonado,<sup>22</sup> configurando um “método mestiço”. Aliás, esse método demanda aquele sujeito *flâneur*, para levar em conta a ação de movimentar a transmetodologia, uma proposta e postura na *flânerie* – ação do *flâneur* que é caleidoscópica e poliédrica – na leitura, escrita e produção dos textos-pensamentos.

Isso exige movimentos de *episteme* diferentes das exigências de certeza dos movimentos planejados e legíveis dos planos e mapas. Uma *episteme* na linha do que disse Boaventura, “não adianta criar mapas emancipatórios se não temos indivíduos que os percorram”.<sup>23</sup> Desdobrar o comunicacional nas mediações,

<sup>22</sup> MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, n. 9, 2002. Disponível em: [www.uff.br/mestcii/efendy2.htm](http://www.uff.br/mestcii/efendy2.htm). Acesso em: 20/ago./2005.

<sup>23</sup> Entrevista – programa *Roda Viva*, TV-Cultura, em 8/4/02.

como eixos reformadores do processo comunicacional. Passo a aceitar o desafio proposto por Maldonado ao recuperar Martín-Barbero,

a essencial relação entre *teoria* (noções, postulados, hipóteses, conceitos, proposições, argumentos e problemas teóricos) e construção de *métodos* continua atualmente muito pouco compreendida; na prática, estabelece-se uma falsa dicotomia entre *teoria* e *método* formulando problemáticas teóricas críticas, divorciadas do desenho metodológico definido para desenvolver a pesquisa [...] integrando-as em uma *práxis* criativa de conhecimento, que precisa de uma perspectiva teórica na fase de construção dos métodos e de uma metodologia teórica para estruturar os pensamentos.<sup>24</sup>

O método de abordagem e os métodos de procedimento são escolhas políticas, caminhos a seguir; opções que o pesquisador toma com base nas estruturas do *ethos* da pesquisa e dele próprio. Porque o método,

como conjunto de estratégias e procedimentos para a resolução de problemas, [...] configura-se num cenário e numa estruturação (dimensão/campo/nível), na qual confluem processos sociohistóricos e culturais que valorizam a sua produção de sentido (pluralidade de contextos) e, por outro lado, incorpora e apropria-se de lógicas e modelos teóricos, em confluência e desconstrução, que configuram um real transmetodológico comunicacional.<sup>25</sup>

As escolhas das teorias não são por acaso, já que se sustentam na ação de processos políticos articulados como operadores teóricos *re*-desenhando a *episteme* em “uma” epistemologia que permita deslocamentos dinâmicos buscando percorrer os mapas através das decisões feitas.

Nessa opção pela epistemologia, entendo a *realidade* da pesquisa como uma construção na própria interação dos sujeitos; os valores são relativos. A impossibilidade de fixar a verdade porque “as interpretações são subjetivas, porque se a realidade não é objetiva, a interpretação é um ato essencialmente individual”<sup>26</sup> como processos de *re*-configuração e *re*-construção atravessados pelas matrizes individuais-*e*-coletivas. Portanto, o conhecimento é um fato político porque as categorias e valores sociais resultam de uma atividade constituinte. É necessário estudar – além dos mecanismos – as condições concretas, as relações de força e os sistemas de interesses que as constituem.

Além desses reconhecimentos descritos, deve-se contemplar e entender outros, como o peso dos operadores socioculturais, a dimensão simbólica da ação

<sup>24</sup> MALDONADO, Alberto Efendy. Percursos metodológicos de Jesús Martín-Barbero. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos, v. III, n. 1, p. 101, jun. 2001.

<sup>25</sup> MALDONADO, op. cit., p. 9.

<sup>26</sup> SEMPRINI, A. *Multiculturalismo*. São Paulo: Edusc, 1999. p. 81.

cultural, a valorização da diferença como elementos (re)configuradores das interações. Fornet-Bentancourt<sup>27</sup> chama a atenção para o sentido das interações entre culturas, como exercício de traduzir o outro na nossa medida das coisas (matrizes culturais de leitura), ato por meio do qual aprendemos as (novas) dimensões das coisas na visão dos outros. Uma tradução recíproca – o pesquisador/o que é pesquisado; sujeito/objeto.

Cabe retornar à leitura que Hall faz sobre a identidade *traduzida* do sujeito. Indo além da operacionalização, nas práticas culturais e comunicacionais, o sujeito (re)dinamiza a identidade cultural em um processo que pode ser entendido como de *tradução*. Assim, pelas *confrontações* culturais articula-se uma auto-interpretação. Levando em consideração, como aponta Hall, que etimologicamente a palavra advém do latim, significando “transferir, transportar entre fronteiras”.<sup>28</sup> Através das traduções e confrontações, a pesquisa se desenha na dinâmica comunicacional e nas identidades que vai configurando nas inter-relações ali expostas.

Essa característica *tradutora* toma forma em virtude das práticas sociais comunicacionais como processos produtores de sentido que “concedem” a cultura de pesquisa ao sujeito. Examina mecanismos que articulam os componentes de significação das/nas redes de mediações estruturais e situacionais (matrizes: históricas, culturais, étnicas, gênero, políticas, classe, idade...) que, entrecruzadas nas práticas produtivas fazem o dia-a-dia re-criando formas de relacionar-se com o que está sendo pesquisado.

Movimentos de negociação que estão sendo configurados como acontecimentos e ações/forças simbólicas (*ser* no contexto de um outro) e físicas (*estar* no contexto do outro). A dimensão da pesquisa como projeto sociopolítico, de intervenção em uma cultura, é uma outra forma de noção de interação cultural intrínseca à pesquisa. Tais características demandam atenção no sentido de compreender que ali, nas interações/inter-relações, há tensão e forças que interatuam e interagem para *ser* e *estar*. Ao entender a pesquisa como dinâmica comunicacional, não se pode desconsiderar o conflito, ela não é alheia a esse movimento e, portanto, não pode permanecer neutra nem asséptica à sua natureza.

Nesse cenário é que vejo a pesquisa como interações *eu-outro*, onde o reconhecimento se dá a partir da impressão<sup>29</sup> desse *outro* (tradução que *eu* faço para poder ler o *outro*), a partir da qual os sujeitos se apresentam diante do que temem

<sup>27</sup> FORNET-BENTANCOURT, Raúl. Lo intercultural: el problema de su definición. *Intercultural: Balance y Perspectivas*. Paris: Unesco, p. 160, nov. 2001.

<sup>28</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 89.

<sup>29</sup> Entendida aqui como: (1) ato ou efeito de imprimir(-se); (2) encontro ou contato de um corpo com outro; (3) marca ou sinal deixado pela pressão de um corpo sobre outro; (4) estado físico ou psicológico resultante da atuação de elementos ou situações exteriores sobre os órgãos dos sentidos, por intermédio deles ou sobre o corpo ou sobre a mente; sensação. (DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO).

ou esperam.<sup>30</sup> Assim, se os processos comunicacionais das interações da pesquisa podem ser entendidos como de tradução do indivíduo, cabe então entender que as ações dessas inter-relações põem em jogo os laços de sociabilidade.

Nessa linha, de natureza comunicativa, Martín-Barbero salienta que “essa relação desconhece a natureza comunicativa da cultura, isto é, a função constitutiva que a comunicação desempenha na estrutura do processo cultural, pois as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos”.<sup>31</sup> Portanto, a identidade do pesquisador não é dada, ela está em permanente fluxo-construção, tanto no movimento de introspecção quanto de extroversão, o reconhecimento simultâneo pelo ato da tradução que é a própria investigação.

Pode-se agora compreender a idéia de (inter)ação entre matrizes culturais, como a implicância de perspectivas endógenas e exógenas. Ambas complementares, interconectadas e em tensão. A primeira é uma mirada do próprio sujeito sobre si mesmo (individual ou coletivo), enquanto a exógena implica uma visão do contexto mais afastado (do outro). No cenário do dia-a-dia da pesquisa, se misturam cenas de um *pastiche*, ora cenas construídas obedecendo fielmente às *regras* urbanísticas de caminhos já feitos e por sempre repetidos, ora as que desafiam propondo outros *fiões de Ariadne* para não ser como as vítimas do Minotauro que seguiram os rastros dos mortos anteriores.

Já dentro da provocação continuo andando e, iniciando outra tecelagem, posso destacar que a dinâmica comunicacional, desenvolvida no texto, demanda uma atenção aos *estigmas* que vão *re*-desenhando as matrizes através das quais se realiza o pesquisador. Isso me leva a pensar em uma outra instância nas interações de *intermezzo* do sujeito-pesquisa, para refleti-la como teatro da crueldade apontado por Artaud. A instância: o *estigma* de ser pesquisador... a lucidez de vivenciá-lo como forma de identidade do pesquisador,

a lucidez pode jamais despertar, mas, se despertar, não há como evitá-la. E, quando ela chega, fica para sempre. Quando a gente percebe a falta de sentido da vida, nota que não há objetivos nem progresso, compreender, embora possa não querer aceitar, que a vida nasce com a morte ligada a ela, que vida e morte não são consecutivas, mas simultâneas e inseparáveis. [...] A lucidez é um dom e um castigo. É tudo numa palavra. Lúcido vem de Lúcifer, o arcanjo rebelde, o Demônio. Mas Lúcifer é também o luzeiro do amanhecer, a primeira estrela, a que mais brilha e a última a se apagar. Lúcido vem de Lúcifer, Lúcifer, de Lux e Ferus que quer dizer: aquele que tem luz. Que gera luz. Quem traz a luz que permite a visão interior. Deus e Demônio, o

<sup>30</sup> MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de. *Por uma outra comunicação*. mídia, mundialização e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 63.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 68.

bem e o mal tudo junto. O prazer e a Dor. Lucidez é dor, e o único prazer que podemos conhecer é o prazer de permanecer conscientes da própria lucidez.<sup>32</sup>

Essa é uma instância que merece ser discutida como configuradora da identidade do pesquisador e da pesquisa, talvez por aquilo de que ter a lucidez se torna *marca* do mundo que contempla o mundo. Viver e entender a *peça teatral* da pesquisa como espaço *micro-meso-macro* onde (nessa sociabilidade) os atores se tornam público, e o público, ator, e assim flutuantes, misteriosos e misturados tecer oportunidades de experiências para degustar os *lugares* – eis o desafio. Porque, ator de uma cena na qual sou exposição constante na entrega ao *outro* (objeto) para que me devore, ofereço-me para o ato antropofágico de ser experimentado (objetivado – traduzido a objeto); mergulharmos juntos embora a velocidades diferentes, não melhores ou piores, mas diferentes na relação *eu-outro-eu*. E, nesse jogo de papéis e de máscaras os *lugares* (*personagens*) se intercalam... um e outro(s) se fazem.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gastón. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *La différance*. Conferencia pronunciada en la Sociedad Francesa de Filosofía, el 27/01/1968. 19 p. Disponível em: [http://personales.ciudad.com.ar/Derrida/la\\_différance.htm](http://personales.ciudad.com.ar/Derrida/la_différance.htm). Acesso em: 26 jul. 2005.
- FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papiрус, 2000.
- FORNET-BENTAN COURT, Raúl. Lo intercultural: el problema de su definición. *Intercultural: Balance y Perspectivas*. Paris: Unesco, nov. 2001.
- GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papiрус, 2000.

<sup>32</sup> Fala do professor Fernando Robles, personagem de Federico Luppi no filme “Lugares Comunes”. Diretor: Adolfo Aristarain, 2004.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MALDONADO, A. E. Percursos metodológicos de Jesús Martín-Barbero. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. São Leopoldo: Unisinos, v. III, n. 1, jun. 2001.
- \_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, n. 9, 2002. Disponível em: [www.uff.br/mestcii/efendy2.htm](http://www.uff.br/mestcii/efendy2.htm). Acesso em: 20 ago. 2005.
- MARTÍN-BARBERO, J. Autobiografia. In: MARQUES, J. Melo de; ROCHA, P. Dias da (Org.). *Comunicação, cultura, mediações*: o percurso de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Unesp/Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.
- \_\_\_\_\_. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de. *Por uma outra comunicação*: mídia, mundialização e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MATTA, Roberto da. *Relativizando*: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- MATURANA, H. *La realidad: objetiva o construída?*: fundamentos biológicos de la realidad. México: Universidad Iberoamericana/Anthropos, 1996.
- ONETTI, J. Carlos. Reflexiones de un reexiliado. In: ONETTI, J. Carlos. *Confesiones de un lector*. Madrid: Alfaguara, 1995.
- PERRUSI, Artur. *Imagens da loucura*: representação social da doença mental na psiquiatria. São Paulo: Cortez; Recife: Ufpe, 1995.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. *Comunicación intercultural*. Barcelona: Anthropos, 1999.
- \_\_\_\_\_. La interculturalidad en la modernidad actual. *Intercultural: Balance y Perspectivas*. Paris: Unesco, nov. 2001.
- RÜDIGER, Francisco. *Introdução à teoria da comunicação*. São Paulo: Edicom, 1998.
- SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. São Paulo: Edusp, 1999.
- SODRÉ, Muniz. Mídia (tevê) e hegemonia. *Democracia Viva*, Rio de Janeiro: Moderna/Ibase, n. 4, p. 25-29, nov. 1998.